

Turismo, fronteira e pescadores artesanais: ponderações e análises

Francisco Leonor de Amarílio¹

Resumo: Objetivou-se, através deste trabalho, estudar e provocar reflexões sobre o envolvimento da comunidade de pescadores artesanais fronteiriços (moradores do município de Corumbá-MS, fronteira oeste do Brasil com a Bolívia, cidade de Puerto Quijarro – província de Germám Busch), na atividade do turismo e se esse envolvimento, com todas as suas individualidades identitárias, pode gerar melhoria da qualidade de vida da própria comunidade, proporcionando um desenvolvimento local endógeno. Diante de diversos problemas enfrentados pelo setor pesqueiro profissional artesanal, seja por políticas públicas, seja por conta das atividades do turismo em alta na região, surgiram as reflexões aqui apresentadas. A pesquisa tende a ser bibliográfica, em um primeiro momento, com consultas em plataformas eletrônicas como o portal de periódicos da Capes, jornais impressos, revistas e livros. Em um segundo momento a pesquisa assumirá caráter de pesquisa ação participativa pois acreditamos na práxis, que a teoria não deve desvincular da prática.

Palavras-chave: Fronteira; Turismo; Pescadores artesanais.

Tourism, frontier and artisanal fishermen: considerations and analyzes

Abstract: The objective of this work was to study and provoke reflections on the involvement of the community of artisanal border fishermen (residents of the municipality of Corumbá-MS, western border of Brazil with Bolivia, city of Puerto Quijarro - province of Germám Busch), in the tourism activity and whether this involvement, with all its individualities of identity, can generate an improvement in the quality of life of the community itself, providing an endogenous local development. Faced with several problems faced by the artisanal professional fishing sector, whether due to public policies or due to the tourism activities in the region, the

¹ Mestre em Estudos Fronteiriços (UFMS), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)/ UNIOESTE - PPGSCF. E-mail: francisco.amarilio@ifms.edu.br.

reflections presented here emerged. The research tends to be bibliographical, at first, with consultations on electronic platforms such as the Capes periodicals portal, printed newspapers, magazines and books. In a second moment, the research will assume the character of participatory action research because we believe in praxis, which theory should not be separated from practice.

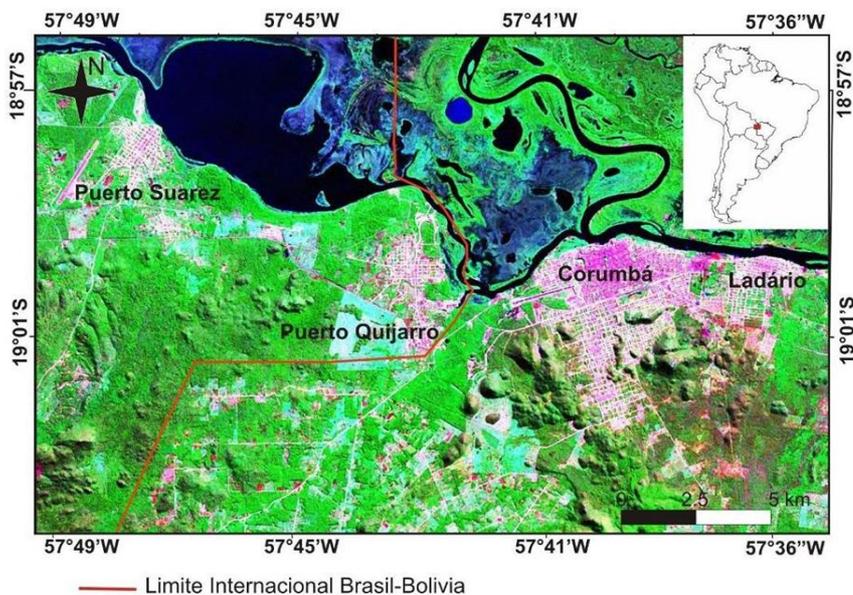
Keywords: Border; Tourism; Artisanal fishermen.

Introdução

As reflexões que seguem, foram baseadas nos debates, discussões e sugestões de leituras das aulas da disciplina Sociedade Cultura e Fronteiras: fundamentos e enfoques interdisciplinares, do Programa de Pós-Graduação em Sociedade Cultura e Fronteira (PPGSCF) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), ministrada pelos professores: Dr. Eduardo Portanova Barros e Dra. Edilma de Jesus Desidério e também com base em pesquisas bibliográficas e de campo nas temáticas Fronteira, Turismo e Pescadores Artesanais de Corumbá – MS (Figura 01).

A atividade turística vem ganhando um relevante papel na economia mundial. Porém não seria correto restringir a seu caráter econômico e sim, observá-la também como um fenômeno social que envolve, antes de qualquer coisa, deslocamento de pessoas. Desta forma, ao analisar o turismo, deve-se estudar o homem fora de seu local de residência, a condição responsável por satisfazer as suas necessidades e os impactos que ambos geram nos ambientes físicos, econômicos e socioculturais do núcleo receptor (JAFARI apud THEOBALD, 2001). Diante de tais fatos é que surgiu o questionamento que move este trabalho - será que os saberes, identidade e potencialidades dos pescadores artesanais podem ser aproveitados em atividades do turismo gerando assim desenvolvimento local?

Figura 01 – Espaço Fronteiriço Brasil/Bolívia



Fonte: Costa (2013, p. 71).

Esse texto foi organizado em duas seções sucintas e objetivas. Na primeira, discute-se sobre os pescadores profissionais artesanais fronteiriços de Corumbá, Mato Grosso do Sul e o atual cenário político em que eles estão vivendo, apresentamos também, uma reflexão sobre a dialética envolvendo o turismo referente ao local frente ao global. Em seguida, discute-se turismo e fronteira, apresentando uma reflexão teórica de território, territorialidades, fronteira e turismo, por julgar que essas categorias são fundamentais para o entendimento aos quais esse trabalho se propõe. Por fim, serão apresentadas as considerações finais sobre a referida temática.

Pescadores Artesanais de Corumbá – Mato Grosso do Sul e a Dialética do Turismo

A pesca é uma das principais atividades econômicas do Pantanal, porém, apesar do amplo conhecimento dos pescadores profissionais artesanais, a política estadual de pesca adotada vem gradativamente desfavorecendo os interesses dessa parcela da população local. Em função disso, os pescadores artesanais enfrentam ampla desilusão com sua

atividade profissional, haja visto os dados apresentados por Albuquerque (2001) apud Catella (2003) revelam que 48% dos pescadores gostariam de desenvolver outra atividade em lugar da pesca, alegando vários motivos, como ganhar mais, poder ficar mais tempo em casa ou porque a pesca está ruim. Outro fator observado na pesquisa de Albuquerque (2001) diz respeito à renda desses profissionais, em que foi verificado que 45% dos pescadores recebem menos de um salário-mínimo por mês, cerca de 36% recebem dois salários, 9%, três salários e apenas 4% contam com quatro salários.

Conforme Catella (2003), é possível perceber que nos últimos vinte anos ocorreram mudanças radicais no cenário da pesca no Pantanal em Mato Grosso do Sul. A captura da pesca profissional despencou de um patamar de 2.117 toneladas (ton.), em 1983, para 319 ton., em 1999, representando apenas 21% da captura anual (1.540 ton.), enquanto os pescadores esportivos capturaram 1.218 ton. (79%). Dados compilados por Silva (1997) e por Resende (2005) mostram que em 1979 o total da pesca profissional aumentou de 1.007 ton., para 2.136 ton., em 1984; cerca de três quartos por parte dos pescadores artesanais para um quarto para os pescadores esportivos.

Essa diferença marcante no cenário da pesca se deu graças à “Portaria Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE/Ms) nº 25/1983 e Decretos estaduais nº 5.646/1990, 7.362/1993, sendo permitido apenas o uso do anzol”, segundo Catella (2003, p 15). A partir desse período, década de 90, ocorreu um crescimento econômico gigantesco no setor turístico pesqueiro (pescadores esportivos) tornando-se uma das principais atividades econômicas do Estado (CATELLA, 2003), portanto muitos pescadores esportivos chegaram ao Pantanal Sul capturando grande quantidade de pescados.

Diante desses dados, se torna possível afirmar que a pesca profissional-artesanal se tornou menos produtiva, encarecendo o preço do pescado e marginalizando os pescadores profissionais além de descapitalizados, influenciado principalmente por menos captura de pescado.

Esse cenário, aliado a mudanças no perfil da atividade turística da região, que vem enfatizando cada vez mais o turismo contemplativo, ao invés do turismo de pesca, pode contribuir com uma mudança favorável para esses profissionais que poderão agregar valor a suas atividades, através de sua articulação em prol de busca de novas oportunidades de trabalho,

onde o seu saber possa ser aproveitado e compartilhado com os visitantes de forma criativa e integrada.

A relação entre o local frente ao global, no que se refere às atividades do turismo, se apresenta de forma dialética quando, segundo Paiva (2013, p. 134):

O turismo apresenta uma diferenciação em relação a outras atividades econômicas, já que o espaço de destino apresenta um papel fundamental para cada um dos agentes que intervêm nos processos de produção e consumo turísticos: os proprietários de solo, promotores de espaço, agentes do setor, os consumidores, os intermediários e finalmente a própria administração. A espacialização do turismo envolve fatores específicos, diferenciados ou com protagonismos distintos em comparação com os fatores gerais que explicam a localização das atividades econômicas. A dialética entre turismo e espaço se manifesta em dois fatos: a) o recurso turístico transformado em produto turístico se consome onde se produz e por outro lado o consumidor turístico necessita se locomover para consumi-lo; b) o consumo e a produção turística se dão de forma simultânea.

A dialética entre espaço e sociedade é perceptível em trabalhos dessa natureza, todavia quando falamos do local frente ao global tendemos a não atentarmos para as produções históricas, econômicas, políticas e culturais existentes no local, por influência do global. Quando pensamos no local é preciso considerar que o mesmo, apesar da forte influência do global possui diferentes especificidades. É necessário pensarmos ainda conforme Sassen (2003, p. 43):

¿Cuál es entonces el «contexto», lo local, aquí? La nueva subeconomía en red recrea una geografía estratégica, parcialmente desterritorializada; que atraviesa las fronteras y conecta múltiples puntos del globo. Efectivamente, ocupa sólo una fracción del escenario «local»; sus límites no son aquellos de la ciudad donde se ubica parcialmente, y tampoco aquellos del «barrio». Esta subeconomía opera como un orden institucional intermedio entre la vasta concentración de recursos materiales que necesita cuando «pisa tierra» y la dimensión o alcance global de su geografía transfronteriza. Su

interlocutor no es el entorno, el contexto, sino la realidad global.

Santos (2005), em sua obra *Por uma outra Globalização*, deixa claro que a globalização é excludente. Se tratando de fronteira e de comunidades locais a ação da globalização frente ao local fica ainda mais evidente. De acordo com Sassen (2007, p. 32):

La globalización es un proceso que genera espacios contradictorios, caracterizados por los conflictos, diferenciación interna y los continuos cruces de límites. La ciudad global es emblemática de esta condición, Las ciudades globales concentran una parte desproporcionada del poder corporativo global y son uno de los sitios para su valorización. Pero también concentran una parcela desproporcionada de los desfavorecidos y son uno de los sitios clave para su desvalorización.

Se pensarmos em tese, síntese e antítese, iremos perceber a abordagem dialética nas atividades do turismo, seja no que se refere a memória e identidade local, espaço e sociedade, produção e consumo, inclusão e exclusão social, crescimento econômico e desenvolvimento local, ou como estamos dizendo, local frente ao global. Objetivamos mostrar aqui que o local, mesmo frente ao global, possui características únicas e importantes para o desenvolvimento.

Turismo e Fronteira

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001), define-se turismo como sendo uma atividade de visitantes, pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente costumeiro por até 12 meses para lazer, negócios, peregrinações. Este conceito simplista apresentado pela OMT pode ser complementado por Theobald (2001), onde é defendida a ideia de que existem três enfoques para o turismo: econômico, técnico e holístico. As definições econômicas consideram-no uma atividade de caráter apenas nesta vertente, relacionada ao deslocamento de pessoas e os serviços que são utilizados. As definições técnicas resumem-se a aceção de turista como forma de padronizar os conceitos e fornece uma base

comum para a coleta de dados. Já as significações holísticas tentam incluir o todo que envolve o turismo. Sassen (2003), afirma que o turismo cresceu tanto que se tornou a principal estratégia de desenvolvimento de algumas cidades, regiões e até países.

Dessa forma, o pensamento de Rodrigues (2006) que revela o turismo como um dos elementos fundamentais da globalização e o apresenta como fenômeno de grande mobilidade e intensidade na produção do espaço geográfico, se mostra fundamental para entender as reflexões pertinentes a esse trabalho.

Nas últimas décadas, muitos governos (na escala federal, regional e local) interessados em promover o desenvolvimento veem no turismo um poderoso aliado na busca desse objetivo, pois o turismo se apresenta como uma das principais atividades econômicas do mundo, superando até mesmo o petróleo em geração de divisas internacionais, o turismo tornou-se objeto de consumo do espaço em muitas cidades brasileiras, que investem nessa atividade para seu crescimento econômico (CRUZ, 2000).

Uma vez que de acordo com Dias (2003, p. 126): “O turismo pode ocupar papel importante no desenvolvimento de um País, de uma região ou de um município pela sua capacidade de criação de empregos a sua contribuição à diversificação de atividades econômicas regionais e aos vários efeitos indiretos causados pelos gastos dos turistas.”

Sendo, portanto, a geração de emprego e renda a característica principal do turismo que o torna aliado desses governos supracitados. A atividade turística tem reproduzido ao longo dos anos as contradições do sistema econômico vigente, aguçando a lógica do capital, quando se apropria dos espaços e recursos naturais e culturais neles contidos, transformando-os em atrativos, ou seja, em produtos (OURIQUES, 2005).

Essa possibilidade de desenvolvimento supracitada (decorrente das atividades do turismo), não é diferente na fronteira em estudo, principalmente por conta do Pantanal e da fronteira em si. Fronteira que está sendo compreendida como um lugar de moradia e de existência de seus habitantes. ‘Ser da fronteira’ é o dado primordial para a discussão que se deseja fazer. Esse fato denota o que a geografia chama de sentimento de pertença e/ou identificação com o lugar. Desse modo, deixa-se evidente a necessidade de pensar a fronteira como um lugar – um lugar que como qualquer outro possui seu dado particular. O dado particular fundamental da fronteira nesta ponderação é justamente o fato da convivência com o outro, com a diferença nacional, que remete aos símbolos próprios a cada nação, a história, a cultura, ao nacionalismo.

Deixamos de lado, aqui, as clássicas tipologias relacionadas à fronteira: vivas ou mortas, zonas, linhas, barreiras, antropológicas, políticas e econômicas etc., e nos apropriaremos do conceito de fronteira vivida dando ênfase à definição de Nogueira (2007) na qual a fronteira vivida busca compreender o cotidiano deste lugar nos seus mais variados aspectos, - lazer, trabalho, contravenção, consumo, defesa, disputa, - reconhecendo que do outro lado tem outra lei. Assim se acredita que a fronteira seja capaz de refletir o grau de interação ou ruptura entre sociedades fronteiriças.

Para tais pensamentos se torna preciso referir ainda à Nogueira (2007), onde ele revela que ser da fronteira se constitui em uma identidade territorial que é construída a partir da vivência nesse lugar, trata-se de pensar a fronteira na percepção de quem é da fronteira.

A fronteira, nesse trabalho, não pode ser vista como limite, pois não se refere à linha ou à separação. Concorda-se, pois com Machado (1998) que revela a fronteira como orientada “para fora” (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados “para dentro” (forças centrípetas).

A atividade turística concorre no processo de transformação dos territórios para e por seu uso, bem como com formações socioespaciais precedentes a sua existência. Desse modo se torna preciso pensar o território em conformidade com Rafesttín (1993), como um espaço que revela relações marcadas pelo poder. Também vale apropriar do pensamento de Saquet (2007) que pensa o território como o resultado das relações humanas, sociais, culturais e fundamentalmente política. Porém não se pode perder de vista que a dinâmica territorial é sempre criação e recriação de territorialidades e que é o fazer turismo que gera novas práticas territoriais (RODRIGUES 2006).

As categorias aqui analisadas e o olhar sobre elas estão sob o prisma da geografia tanto no que se refere ao turismo quanto à fronteira e ao território. Estamos entendendo que nesta última década, a Geografia é uma das ciências que mais se preocupa com as questões relacionadas ao turismo e suas atividades frente ao fenômeno da globalização, que Santos (1996) chamou de meio técnico científico informacional.

O diferencial do entendimento do turismo pela Geografia é que, neste final de século, num mundo globalizado, em que cada vez mais se relaciona à importância crescente do turismo com a nova organização do território mundial, é explicada por Rodrigues (1996, p. 17) da seguinte forma:

Num mundo globalizado o turismo apresenta-se em inúmeras modalidades, sob diversas fases evolutivas, que podem ocorrer sincronicamente num mesmo país, em escalas regionais ou locais. Expande-se em nível planetário, não poupando nenhum território – nas zonas glaciais, nas cadeias terciárias, até nas regiões submarinas – na cidade; no campo; na praia; nas montanhas; nas florestas; savanas, campos e desertos; nos oceanos, lagos, rios, mares e ares.

Objetivando minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos produzidos pelo setor turístico, contamos com um aliado, um novo modelo de desenvolvimento que vem substituir o antigo regime ligado apenas ao progresso material, crescimento de taxas e indicadores econômicos conhecido como desenvolvimento local. Esse tipo de desenvolvimento é realizado na escala humana, e atribuímos a ele a capacidade de reafirmar as potencialidades e identidades locais frente à globalização.

O desenvolvimento local neste trabalho é pensado como um processo de superação de problemas sociais, em que a sociedade se torna, para seus membros, mais justa e legítima, tendo o homem como sujeito e beneficiário das ações. Os indivíduos devem participar ativamente e não apenas serem favorecidos pelo desenvolvimento. Isto implica pensar na questão de responsabilidade social, em que a busca por qualidade de vida e bem-estar parte do “protagonismo real e verdadeiro de cada pessoa” (MARTÍN, 1997, p.172).

Dessa forma, as reflexões e análises que, permeiam esse trabalho objetivam mostrar que o território turístico resulta da prática turística e partindo desse pensamento se percebe que as práticas turísticas revelam diferentes territorialidades e de maneira objetiva as territorialidades nesse trabalho podem ser entendidas como a utilização que se faz do território. Saquet (2007, p. 84) confirma essa assertiva revelando que “[...] a territorialidade é conceituada pela multiplicidade de contextos histórico-sociais, nos quais se definem as estratégias e os efeitos territoriais”.

Dentre as várias territorialidades existentes no território fronteiriço de Corumbá e Puerto Quijarro, as relacionadas às atividades do turismo envolvendo a comunidade de pescadores profissionais artesanais são as que nos chamaram atenção. Será que o conhecimento que os pescadores possuem podem ser usados nas atividades do turismo para busca de um

desenvolvimento que seja endógeno e local? E isso, principalmente diante da crise que esses profissionais enfrentam.

Considerações Finais

Nos dias atuais é impossível pensar a relação pesca e turismo, em Corumbá, sem levar em consideração a fronteira, mas não a vendo como o desencontro de diferentes visões de mundo, mas a coexistência de diferentes espaços temporalidades. A proposta para a implantação de uma política de turismo com base local nos municípios brasileiros tem um papel fundamental no desenvolvimento equilibrado da atividade do turismo, revertendo, na medida do possível, os impactos ambientais causados na implantação e desenvolvimento dessas atividades. Para a obtenção do sucesso na implantação de um turismo com base local, é imprescindível colaborar com as comunidades envolvidas, para integrar a melhoria das suas condições de vida com o desenvolvimento do turismo sustentável.

As reflexões ponderadas no presente trabalho poderão beneficiar a comunidade de pescadores da área urbana de Corumbá, território fronteiriço, através do processo auto formativo de investigação/experimentação de iniciativas metodológicas. Aproveitando e/ou considerando as características de ser uma região de fronteira e as condições e potencialidades locais dinamizará quantitativa-qualitativamente a atividade do turismo e ao mesmo tempo refletirão a melhoria da qualidade de vida da comunidade-localidade. Além de que as atividades do turismo poderão ser dinamizadas, e aumentar assim a receita do município.

Notamos, então, que nessa nova proposta a participação popular ganha papel de destaque, não devendo se restringir a envolvimento esporádicos ou ser vista como uma metodologia para a sensibilização e conscientização popular. Talvez seja este o maior desafio a ser enfrentado. Portanto, participativo não é o processo que garante a participação, mas aquele que a promove e a ela atribui seu funcionamento, encontrando as melhores soluções para os problemas, afinal, as soluções macroeconômicas nacionais e internacionais são limitadas, pois as não levam em conta as condições locais extremamente diversificadas que só são identificadas pelas pessoas que nele vivem.

Referências

ALBUQUERQUE, F. F. **Pesca no Mato Grosso do Sul: regulamentação e sustentabilidade.**100p. Tese (doutorado) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, UNB, Brasília. 2001.

CATELLA, A. C. **A pesca no Pantanal Sul: situação atual e perspectivas.** Embrapa Pantanal: Corumbá. 2003.

COSTA, E. A. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá. **Revista Transporte y Territorio.** v. 9, p. 65-86. 2013.

CRUZ, R. **Política de turismo e território.** São Paulo: Contexto. 2000

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil.** São Paulo: Atlas. 2003.

MACHADO, L. O. Limites, Fronteiras, Redes. *In.*: T. M. Strohaecker et al. (orgs.). **Fronteiras e espaço global.** Porto Alegre: AGB. 1998.

MARTÍN, J. C. **El desarrollo local: una estrategia para una sociedad a escala humana.** MADRI, inédito. 1997.

NOGUEIRA, R. J. B. **Ateliê Geográfico Goiânia-GO** v. 1, n. 2 dez. 2007.

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo.** São Paulo: Rocca, 2001.

OURIQUES, H.R. A produção do turismo – fetichismo e dependência. *In.*: Ouriques, H.R. **O turismo na periferia do capitalismo.** São Paulo: Alínea. 2005.

PAIVA, R.A. Sobre a Relação Turismo e Urbanização. **Revista Pós.** v.20, n.33. São Paulo. Junho, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo. Editora Ática, 1993.

RESENDE, E. K. **Gestão sustentável de Recursos pesqueiros – O Caso do Pantanal.** ADM Artigo de Divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal, Corumbá - MS, n. 88, p. 1-2. Nov. 2005.

RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e geografia.** São Paulo: Hucitec, p. 62 -74. 1996.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Territorialidades Plurais - lógicas excludentes ou solidariedade organizacional.** São Paulo. 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec. 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SASSEN, S. **Los espectros de la globalización**. Fondo de Cultura Economica de Argentina S.A. 1414 Buenos Aires. 2007.

SASSEN, M. **Contrageografias de la globalización**. Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos. Traficantes de Sueños C\ Embajadores, 35 local 6 28012 Madrid. 2003.

SILVA, E. V. **Estratégia e planos de desenvolvimento sustentável: Uma questão de escala territorial**. In: Cavalcante, Agostinho P.B. (org.). Desenvolvimento sustentável e planejamento. Fortaleza: UFC/Imprensa Universitária, pp69-74. 1997.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular. 2007.

THEOBALD, W. F. (org.) **Turismo global**. São Paulo, SP: Senac. 2001.